

Colonos portugueses em busca de fortunas partiam para lá, já que os cargos administrativos e as melhores oportunidades estavam para os lusitanos de nascimento.

Com o advento da Segunda Grande Guerra no século XX, vários levantes revolucionários surgiram na África, opondo-se à colonização europeia. A revolução argelina entre 1954 e 62 foi um marco que influenciou todas as outras colônias do continente africano.

Movimentos da Negritude em países de língua francesa; jovens angolanos, moçambicanos, cabo-verdianos tomam consciência de lutas por direitos civis nos EUA, relações de exploração da metrópole com as colônias.

Desde 1933 Portugal tem um regime ditatorial de Antônio de Oliveira Salazar, que considerava as colônias ponto importante do poderio português, ainda que se usasse de força para mantê-las. Entretanto havia um descontentamento da população nativa e movimentos revoltosos.

No decorrer dos anos 50, as tendências separatistas tomaram corpo em território angolano: o UPA (União dos Povos de Angola) de orientação não comunista, apoiado pelos EUA e o MPLA, apoiado pela URSS e Cuba. No contexto era necessário o apoio de uma superpotência.

O marco inicial contra a colônia portuguesa se deu em 1961, conflito armado violento contra Portugal. O regime de Salazar envia tropas contra os rebeldes angolanos, que se organizam em guerrilhas. Estes contam com o apoio técnico da URSS.

Além de Angola, outros movimentos surgem contra a colonização portuguesa como em Guiné-Bissau (1963) e Moçambique (1964), refletindo o descontentamento com a ditadura portuguesa.

Em consequência, em Portugal eclode a revolução dos Cravos (1974). Que culminou com a derrubada do governo ditatorial de Salazar. O governo português reconhece a independência de Angola.

Entretanto o sofrimento só estava começando. Terminado o conflito armado contra Portugal. Angola é assolada por uma cruel guerra civil que se estendeu até 2002, motivada por disputas tribais.

Conceito de arte engajada

A obra Mayombe é concebida sob a concepção marxista, com o proletariado adquirindo a consciência de classe. Contudo trata-se de uma obra que aponta vários problemas do processo, sem idealizações.

A obra toca em temas como o sectarismo, a hipocrisia, o individualismo, o lugar social da mulher e a corrupção. Enfim existem múltiplos olhares sobre os fatos de modo que o leitor tenha perspectivas amplas sobre o assunto.

Gênese da obra

Escrita na década de 70, foi publicada em 1980, e ainda que ficção, os relatos de Mayombe são fiéis aos acontecimentos que ocorreram no norte de Angola na Frente de Cabinda.

De início, Pepetela escreveu um artigo comunicando a incursão militar ocorrida na região a fim de ser reproduzida na rádio controlada pelos revolucionários. Contudo, ao sentir que o relato não traduzia a experiência vivida em sua intensidade, resolveu compor um texto mais detalhado em que reproduzisse a vivência. Assim as personagens começaram a surgir de modo que a ficção toma conta do relato.

A narrativa se inicia à frente do **rio Lombe** e tematiza o contexto da guerra colonial e a guerrilha no norte de Angola. Todavia a temática não se restringe a tais pontos de

modo que aborda também a corrupção dentro dos movimentos, as disputas étnicas, o racismo, o oportunismo e o dogmatismo teórico e político.

As personagens vão sendo construídas através de suas falas onde apresentam discursos contraditórios e problemáticos, elementos que enriquecem sua humanidade e desconstroem posturas maniqueístas.

O tempo literário da obra

Movimento de **Negritude**: movimento de países africanos falantes de francês – escritores negros – cujo objetivo era a valorização da cultura negra. Trata-se de uma obra que visou a construção de uma literatura que refletisse as identidades angolanas. Literatura de cunho nacionalista (semelhante ao nosso Romantismo).

ESTRUTURA DA OBRA

Cinco capítulos (longos) um Epílogo

- A Missão

- Grupo de guerrilheiros do MPLA
- Conflitos internos – tribalismo, dogmatismo
- Ataque aos madeireiros – o roubo
- Descrição da floresta Mayombe – personificação

- A Base

- Perspectivas sobre a revolução – alienação x conscientização
- Dificuldades no acampamento – fome, falta de recursos e de pessoas
- Dolisie – André – burocrata
- Dolisie – Ondina e Comissário – problemas de relacionamento

- Ondina

- Traição de Ondina – questão moral/político administrativa/tribal
- Substituição no comando – perspectiva de transferência

- Sem Medo e Ondina – conversa, liberdade, prazer feminino
 - Portugueses (*tugas*) no acampamento do *Pau Caído*.
- **A Surucucu**
- Sem Medo e Ondina – jogo de desejo e sedução
 - Liberdade x domínio – jogo dialético
 - Vewê – notícia do suposto ataque à base
 - Engano, cobra no acampamento, não ação de guerra.
- **A Amoreira**
- Sem Medo em Dolisie – Mundo Novo como substituto indicado
 - Preparação do ataque a Pau Caído
 - Sem Medo fala sobre seu lugar na revolução
 - Despedida de Ondina
 - Ataque
 - Sem Medo e Lutamos alvejados
 - Enterro e união dos guerrilheiros no Mayombe
- **Epílogo**
- Sem Medo – herói da tragédia
 - Metamorfose de Sem Medo – união ao Mayombe
 - Ogum – Prometeu africano

FOCO NARRATIVO

A princípio, um narrador em terceira pessoa, onisciente e onipresente. Todavia existe um jogo inovador na forma de narrar, uma fragmentação, surgem vários narradores em primeira pessoa expondo seus pontos de vista, por exemplo: EU, O NARRADOR, SOU MILAGRE.

Essa forma de narrar causa um efeito de “mosaico angolana da revolução” em que **múltiplas vozes** ampliam o ponto de vista sobre a guerra. Essa variedade de vozes se chama **POLIFONIA**.

As personagens se apresentam assim, a exceção é o Comandante Sem Medo, justamente a personagem de maior força na narrativa. Ele não toma a palavra, isso porque suas opiniões estão explícitas no narrador em terceira pessoa, que aprofunda nos pensamentos dessa personagem.

PERSONAGENS

O núcleo da narrativa gira em torno de um conjunto de guerrilheiros do MPLA, membros de diversas etnias: Kikongos, Kimbundos, mestiços, do campo da cidade de todas as partes. O protagonista é a própria floresta Mayombe, como o *Cortiço*. Entretanto pode-se dizer que todas as personagens estão lutando por um mesmo ideal: a luta pela libertação.

Portanto essa multiplicidade de sujeitos reflete o mundo contemporâneo na medida em que o homem na atualidade é um ser multifacetado, incompleto, fragmentário, contraditório e inconstante. Eis que essa característica dá à obra de Pepetela o tom da universalidade.

O homem angolano é o ser humano universal. Os guerrilheiros são modelos de conduta e comportamento, criados com o propósito de estabelecer vínculos com a população do país, partes de uma nova Angola que estava despontando. Sem deixar de lado a denúncia e crítica social.

Mas não podemos ver tais personagens como tipos pois elas apresentam profundidade psíquica, i.e., são universos pensantes, individuais, dotados de suas frustrações e inseguranças que movem suas ações.

Trata-se de uma tentativa em construir personagens por uma perspectiva ideológica marxista, através da qual os indivíduos se libertariam da condição de alienação para alcançar a liberdade para um novo tempo revolucionário.

PERSONAGENS

COMANDANTE SEM MEDO: 36 anos, tribo kikongo, mas não se prende a questões tribais, não abandona a capacidade de refletir sobre a ação dos guerrilheiros, posiciona-se contra o sectarismo e o dogmatismo político. O Prometeu africano.

COMISSÁRIO POLÍTICO: guerrilheiro de 25 anos, noivo de Ondina, se sente inferior a ela.

TEORIA: o professor, vindo da região de Gabela, zona rural produtora de café. Tem formação letrada, filho de comerciante português e mãe negra angolana.

ONDINA: mulher vinda da cidade de Luanda, capital. Fizera liceu e exercia atividade de professora em Dolisie, República do Congo. Noiva do Comissário, o trai com André e tem um breve romance com Sem Medo.

MILAGRE: filho de agricultores de Quibaxe, viu o pai ser morto, tendo a cabeça arrancada por um trator. “Bazuqueiro”, seu prazer era ver tratores e veículos explodindo.

LUTAMOS: nativo de Cabinda, assume a função de guia.

MUNDO NOVO: nascido na capital Luanda, estudou na Europa onde conhece as teorias marxistas-leninistas.

ANDRÉ: parente de Sem Medo de moral questionável.

TEMPO

Início dos anos 70, período em que se dá a Guerra Fria, revolução sexual feminina e luta estudantil de 1968. Em primeira instância a narrativa ocorre em tempo cronológico no período de um mês, todavia há um tratamento subjetivo, a ordenação dos fatos dá espaço para memórias das personagens, que se utilizam do recurso de *flashbacks*.

ESPAÇO

Toda a ação se passa em Angola, extremo norte do país, no enclave de Cabina, faz divisa com a República do Congo em frente ao Atlântico, onde está a floresta do Mayombe. Esta assume um comportamento personificado dentro da narrativa, i.e., Mayombe atua como personagem.

ESTILO

No contexto, a língua portuguesa funciona como um meio de unificar o “povo” angolano, retomar um imaginário nacional de Angola a fim de engajar o povo na revolução. Esse engajamento concebe a Língua portuguesa como idioma nacional de Angola.

Dentre as figuras de linguagem temos a personificação como a mais saliente, também conhecida como prosopopeia além de metáforas e comparações. Com relação ao discurso prevalece o discurso direto.

BIBLIOGRAFIA

PEPETELA, *Mayombe*. Publicações dom Quixote, Lisboa, 1993.